

A forma ética do cuidar: ver o outro, sua existência (1)

Regina Célia Simões de Mathis (2)



Cuidar: um verbo que pode indicar ações distintas, conforme é empregado. Como verbo transitivo, pode referir-se à ação de tratar de algo ou de alguém, de zelar ou tomar conta de algo ou de alguém, de preocupar-se, de assumir responsabilidade ou dar atenção a algo ou a alguém. Já como verbo pronominal, tem o significado de ter zelo consigo próprio, de velar por si, de precaver-se (www.lexico.pt/cuidar/).

Pessoalmente, as duas formas me atraem e me encantam, já que gosto muito de caminhos de mão dupla, onde o encontro com outras pessoas se faz a cada instante e, o olho no olho, se torna mais possível. É nesse caminho que se encontram numa relação de interdependência mútua todos os seres humanos.

Todos nós já ouvimos falar ou estudamos formalmente sobre a necessidade humana de viver em conjunto, de se relacionar com seus semelhantes.

Nem sempre, ou nem todos, sabem que vários estudiosos colocam o Homem como responsável na formação do *eu* e do *outro*, num contexto histórico: sim, a História tem lugar de destaque na constituição do sujeito e a *cultura* em que essa pessoa está inserida, faz parte do seu *eu* em coexistência com o *outro*.

Freire (1996), propõe que a construção do *eu* se dá no mundo, juntamente com a inserção das forças sociais, culturais e históricas. Para ele, o homem e a mulher não podem estar no mundo sem estar sendo, ou seja, na experiência continuada, imprescindível na relação de uns com os outros, vivendo em comunidade, onde cada qual alcança o objetivo de se sentir humano. Para que isso aconteça, é necessário que, na formação de cada indivíduo, esteja de algum modo incluída, ou sendo desenvolvida, uma consciência crítica que os habilite a compreender, experienciar, duvidar, propor – posturas capazes de torná-los protagonistas de seu determinado momento na história.

Assim, podemos dizer que o contexto é a chave que explica e perpetua o papel de sujeito do ser humano na dinâmica de sua existência com o outro.

Precisamos e sempre precisaremos do outro para nos reconhecermos como humanos. “É na prática de experimentarmos as diferenças existentes que nos descobrimos como *eu e tu*. A rigor, é sempre o outro, enquanto tu, que me constitui como eu, na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu.” (Freire, 2000, p.96).

Entre outros autores, também *Bakhtin* (2004), reconhece a influência que o outro exerce sobre o eu, quando afirma que o *eu* é formado por palavras do *outro* que são incorporadas, assumidas e modificadas pelo *eu*.

Se precisamos do outro para nos constituir e crescer em humanidade, porque cada vez mais nos deparamos com a conduta nada ética, e mesmo animalésca, de algumas pessoas que se conduzem pela vida como se fossem únicas e merecedoras de satisfazer suas vontades, mesmo que às custas e prejuízos de alguns, ou de muitos?

Mais uma vez podemos citar Freire (2008), que afirma ser comum a tendência de acharmos que o diferente do *eu*, ou seja, o *outro* é inferior. Baseado nessa crença ou mesmo sem dela tomar conhecimento, o ser humano caminha por estradas desviantes que levam a um único rumo: a intolerância.

Quando não vê o outro como um eu, como um semelhante, afasta-se da lei que o homem recebeu há milênios: amar ao próximo como a si mesmo! É então que, separado do amor e acreditando na sua superioridade, ajuda a disseminar a cultura do desrespeito. São momentos em que vemos, ou vivemos, a instalação de uma escalada de violência que beira a barbárie, onde fatos conhecidos por nós, apenas através da história, retornam às nossas vidas. Até poucos anos, era-nos difícil imaginar nossos contemporâneos, ateando fogo em índio ou em moradores de rua, ou que assassinatos, seguidos de esquartejamento dos corpos, se tornassem prática tão banalizada a ponto de ser repetida pelos mais variados motivos.

A intolerância nasce e se fortalece na impossibilidade de aceitar e de reconhecer no outro o *tu* que há em *mim (eu)* e, desta forma, ao ver multiplicadas as práticas de intolerância, geradoras de profundos preconceitos, o ser humano que um dia aprendeu a se cuidar e a cuidar do outro, vai perdendo a sua fé no outro, e vai se distanciando de seus semelhantes. E, pior, pode terminar se acostumando ao convívio em sociedade sem a necessária dimensão ética que deveria pautar a existência de todos os seres humanos.

E nós, que segundo Maturana (2004) nos constituímos como seres humanos no AMOR, vamos nos encapsulando em grupos de confiança cada vez menores, vamos nos blindando, e portanto, nos separando de uma infinidade de possíveis experiências enriquecedoras com nossos semelhantes.

Porque o *outro* não nos vê como seu *eu*, ficamos expostos a todo tipo de agressão e então, em nome do medo, nos encolhemos e nos apequenamos.

Podemos corrigir a rota e recuperar o rumo ao lembramos que *cuidar*, verbo intransitivo que nos remete à solidariedade e cooperação mútua, deve sempre estar atrelado ao cuidar, verbo pronominal: cuidadores não podem se esquecer de cuidar de si próprios, em primeiro lugar.

Antes de se lamentar pelas exceções muitas vezes ligadas à patologias, o homem deve se unir aos recursos que tem à disposição para cuidar de si, e então poder cuidar do outro, numa entrega respeitosa e não assistencialista. O *eu* satisfeito, saciado e em paz, é capaz de multiplicar-se em bem estar e distribuí-lo aos outros, organizando uma ciranda em que os semelhantes podem se reconhecer e se respeitar, apesar das diferenças.

Sim, somos diferentes uns dos outros, e é bom que seja assim. A diversidade é um valor necessário para o nosso enriquecimento, é fundamental para nos orientar e nos fazer progredir. Viver *com* e *para* o outro, aceitando-o e respeitando-o como ele é, pode ser traduzido como a capacidade de reconhecer no outro aquilo que conheço em mim: meus defeitos e minhas qualidades, minhas fraquezas e meus esforços para me tornar melhor a cada dia. É promovendo os valores da vida, que transcendem a toda e qualquer limitação humana, que podemos celebrar juntos a vivência de um cuidar ético.

Somos parte de um todo maior, somos necessários e importantes para outras pessoas. E podemos nos deliciar com os maravilhosos versos de *Caminhos do Coração*, de Gonzaguinha:

“E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa tem sempre as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
que nunca está sozinho por mais que se pense estar.”

E nesse coro comunitário e ético, Maturana (2004) veria, mais uma vez, concretizada a sua teoria que nos fala do Amor como ingrediente primário e essencial para nos constituirmos como seres humanos: “o amor é a emoção que constitui o domínio da aceitação do outro em coexistência próxima, já que é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las.”(Verden-Zöllner /Maturana, p. 223)

(1) Artigo escrito em 2014

(2) Terapeuta de casal e de família. Terapeuta Transpessoal. Terapeuta comunitária integrativa. Presidente do conselho de educadores da escola de pais do Brasil.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M. M., *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2004

FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30°. ed. São Paulo: Terra e Paz, 1996

----- *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 8ª. reimpressão. São Paulo: Editora Unesp, 2008

----- *À sombra desta mangueira*. 9ª. edição. São Paulo: Olho d'Água, 2010

MATURANA, H. VERDEN-ZOLLER, G *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Atenas, 2004